

Viajar por estrada com tranquilidade

por Jorge Costa

N. 13/10/84

Quando saí da Beira, rumo a Chimoio, pensei que dentro em breve o nosso Land Rover se tivesse de juntar a uma coluna militar, como era hábito até há algum tempo. Afinal, agora isso nem sequer faz já parte dos hábitos da gente daquela região e o trânsito faz-se — intenso — entre as duas capitais de Província, em perfeita calma e tranquilidade.

Evidentemente que há marcas de um permanente estado de alerta, precavendo qualquer acção criminosa que, até há pouco tempo, era frequente. Por exemplo, são muitos os controlos na estrada. Uma nota especial para eles: todos estão devidamente identificados ao trânsito e os milicianos ou soldados que os servem foram para connosco, tanto à ida como no regresso, de uma amabilidade e eficiência que não se pode deixar de louvar.

A entrada do Chimoio, uma brigada da Polícia de Trânsito inspecionava os carros que chegavam. O nosso não tinha pisca-pisca, buzina, espelho retrovisor e, com muita correcção, o agente chamou a atenção para o perigo de circulação que isso representa... ao mesmo tempo que passou a multa correspondente.

Quem não ficou nada satisfeito foi o motorista que nos conduzia. Não parava de dizer: **Isto na Beira não acontecia. Assim que a Polícia sou-**

besse que este era um carro do Estado, mandava-nos logo embora.

No fundo, penso que ele não ficou muito convencido quando lhe disse que, pelo contrário, a atitude do agente de Chimoio estava correcta e errada era a do da Beira. Mas, de qualquer forma, para mim esta foi uma primeira impressão muito favorável da capital provincial de Manica que, numa volta muito rápida, nos mostrou uma face alegre e muito limpa, a transpirar atenções e cuidados que não podem deixar de lhe ser constantemente feitos. As casas, essas então brilham pela limpeza e beleza dos jardins. Explicam-me: **Muitas vezes é o próprio Governador que visita várias casas e chama a atenção quando encontra alguma coisa errada.**

O Coronel Manuel António, Governador da Província, recebeu-nos no seu Gabinete. Lamentou o pouco tempo que iam ficar na Província e, em especial, a nossa impossibilidade de ficarmos para ver alguns factos

concretos de estabilidade da vida, depois das vitórias militares das nossas Forças sobre os bandos armados. Mas não deixou de nos dar uma panorâmica geral da situação que, neste momento, faz daquela Província uma das que começam, efectivamente, já a viver uma nova vida. Aquela gente heróica, em guerra desde o tempo colonial e que tão corajosamente soube enfrentar a agressão da escoria militar de Smith e depois de bandos armados, está agora decidida a refazer a vida e disso é já prova a quantidade de comida que produz, apesar da seca. A sua maior riqueza de momento, a madeira, é transportada em grandes camiões, ou por comboio, para outros pontos do País.

De Chimoio a Manica os olhos do viajante ficam cheios da beleza paisagística da região. A estrada, muito boa, permite uma viagem confortável. Logo à entrada, perguntámos por António Valgode. **Acabou agora mesmo de passar. Está na fábrica de vinho, informam sem hesitação.**

António Almeida Valgode, sessenta anos de idade a aparentar menos de vinte, é um homem extremamente popular. Na pequena vila de Manica, toda a gente parece saber sempre onde ele está, no que é ajudado pelo estrepido do seu velho jipe que não pára todo o dia e conhece todos os cantos das montanhas em redor.

Ele criou não só a fábrica de engarrafamento da puríssima «Água do Vumba» e de refrigerantes, como ainda se lançou no cultivo do vinho e fez uma fábrica do vinho e aguardente que é um primor de limpeza e organização.

Da toranja, com que ele faz a aguardente «Lágrimas de Leão», a diversos outros tipos de vinho e bagaços, as pressas e o alambique não param, na «Quinta do Couço». Ainda lá provámos várias qualidades deste produto e podemos garantir ser boa «pinga». Um dos toneis, no entanto, está intacto e nele ninguém mexe.

— **Este vinho está aqui para quando nos vier visitar o nosso Presidente — diz Almeida Valgode, que acrescenta: nesse dia vamos fazer aqui a maior festa jamais vista em Manica.**

Aquele moçambicano vive em Manica desde 1958 e, em tudo o que faz, em tudo o que diz, mostra um amor enorme não só pela Pátria mas, particularmente, pela região que adoptou e pela qual ele tem dado muito do seu esforço e dedicação.

— **Há muitas dificuldades, mas com boa vontade tudo se resolve. E devo dizer uma coisa: as estruturas locais dispensam-me tudo o que têm. Só não fazem mais porque também não podem — diz ele.**

É dentro deste espírito que ele construiu recentemente um refeitório para os trabalhadores e não se deteve com a inexistência de fogões e tornos. Idealizou os projectos e, sob sua direcção, tudo foi construído nas oficinas da «Águas do Vumba». Com muito baixo consumo de lenha, de que a Província é riquíssima, tudo trabalha impecavelmente e sem fumos. O mesmo fez para a caldeira do alambique, construída com jantes de camião e que ajuda a destilar as excelentes aguardentes que já lá se fazem.

— **Aqui vai-se fazer bom vinho. A minha quinta e a do Estado são apenas as pioneiras, mas as pessoas aqui têm grande amor e dedicação ao trabalho e não tardam muitos anos que esta seja a principal cultura da zona.**

Iniciou também uma experiência de plantação de café, que já se pode ver lá em cima, a 1050 metros de altitude, na serra do Vumba. **Ainda tenho vinte anos para trabalhar antes de reformar — garante ele.**



Um novo tipo de actividade agrícola, em Moçambique: a cultura da vinha. Ao fundo, à esquerda, parte da cidade de Manica